



Participação no sindicato dos professores; filiação partidária; participação no movimento estudantil; greves; movimentação cultural na UFJF, ontem e hoje; política e economia nacional.

[15:15 – 21:51]

Trajetória profissional na UFJF e fora dela; formalidades institucionais; alterações na grade do curso de História; metodologias de trabalho, aulas e avaliações; recursos e ferramentas didáticas.

[21:52 – 27:22]

Dificuldades financeiras e estruturais da UFJF; relação da UFJF e a cidade de Juiz de Fora; Influência da UFJF na realização de sonhos individuais e coletivos.

[27:23 – 33:37]

Opinião sobre o REUNI e o PROUNI; participação em órgãos de pesquisa; papel da ciência na sociedade, papel do professor na sociedade e vislumbre da UFJF daqui a 50 anos.

Palavras-Chave: Professora, pesquisadora, historiadora.

Resumo: *(informações gerais do conteúdo da entrevista)*

A entrevista trata da trajetória da professora Mônica Ribeiro de Oliveira enquanto aluna, professora na Universidade Federal de Juiz de Fora.

#### Dados Técnicos Entrevista

Data da realização da entrevista: 20/05/2013

Local (completo): Gabinete de Trabalho da professora Mônica Ribeiro, 4º andar, bloco C no ICH novo da UFJF.

Duração: Aproximadamente 35 minutos

Nº de fitas e/ou tempo de gravação: 2 áudios e 2 vídeos

Números de identificação das fitas e/ou do arquivo em áudio: 08

Responsável pela pesquisa e elaboração do roteiro: Eduardo Barbosa

Entrevistador: Carolina Martins Saporetti e Eduardo Moraes.

Cinegrafista: *(quando houver)*: Eduardo Moraes.

Auxiliar (s) Técnico: *(quando houver)* Eduardo Moraes.

Responsável pela transcrição: Eduardo Moraes

Data da transcrição: Início: 15/10/2013 Conclusão: 16/11/2013

Responsável pela conferência da transcrição: Eliene da Silva Nogueira

Data da conferência da transcrição: 19/12/2013

Responsável pela edição de texto *(se houver)*:

Especificações da edição de texto *(se realizada)*:

Data de assinatura do termo de autorização: 20/05/2013

*(quando a autorização não ocorreu no ato da entrevista também especificar a data)*

Data da liberação: dd/mm/aaaa

*(somente quando o entrevistado solicitou o sigilo por um prazo determinado ou até a sua morte)*

Qtde. de páginas transcritas: 09

Endereço para acesso eletrônico do arquivo em áudio:

Endereço para acesso eletrônico da transcrição:

Observações relevantes: A professora se encontrava um pouco apressada, pois sua filha estava adoentada.

## Inserir Declaração de Cessão de Direitos autorais (versão digitalizada)

### CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Mônica Ribeiro de Oliveira,  
nacionalidade: brasileira, estado civil: \_\_\_\_\_,  
profissão: professora, portador do documento de Identidade  
Nº: M3527771, domiciliado e residente na cidade de  
Juiz de Fora, endereço: R. Maria José Leal,  
nº: 319, bairro: Jardim, declaro ceder Universidade Federal de  
Juiz de Fora, situada na cidade de Juiz de Fora/Minas Gerais, na Rua José Lourenço  
Kelmer, s/n, Campus Universitário, bairro São Pedro, sem quaisquer restrições quanto  
aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, de maneira total e definitiva os direitos  
autorais do depoimento e da transcrição do mesmo, de caráter histórico e documental  
que prestei aos alunos e pesquisadores da referida instituição, em 30 de  
maio de 2013, num total de 02:34 horas gravadas. A Universidade  
Federal de Juiz de Fora, no ato das suas atribuições, ficará com a custódia desta  
entrevista e irá disponibilizá-la para consulta e utilização por outros pesquisadores em  
meio eletrônico e em arquivo.

#### Demais especificações:

Finalidade do depoimento: **Projeto "História da UFJF"**

Método de gravação e arquivamento:

Juiz de Fora, 20 de maio de 2013.

Mônica Ribeiro de Oliveira

Assinatura do entrevistado

Carolina Martins Gouveia

Eduardo Barros de Almeida Junior

Assinatura do (s) responsável (s) pelo Projeto "História da UFJF"

## Transcrição da Entrevista

[00:01] Mônica:  
\_Então vamos lá.

[00:12] Carolina:  
\_Então Mônica, para poder começar a entrevista, queria que você falasse um pouco da trajetória da sua vida... como você conheceu a cidade de Juiz de Fora, se você nasceu aqui...

[00:23] Mônica:  
\_Bem, eu sou uma autóctone né, nasci aqui, sou daqui, minha formação foi toda aqui na cidade [Juiz de Fora] e, portanto a universidade era a única opção, assim, possível, de fazer minha graduação. Como fui aluna do João XXIII, e no João XXIII a gente sempre tem uma formação boa em história né, e comecei a me apaixonar desde o primeiro ano do ensino fundamental, assim, quinto ano hoje né, e aí foi fácil né, sem nenhum tipo de dúvida, e fiz o vestibular, me graduei aqui, minha carreira toda basicamente aqui [UFJF].

[00:57] Carolina:  
\_E quando você começou a estudar aqui, em que ano?

[01:01] Mônica:  
\_Aqui, em que ano?

[01:02] Carolina:  
\_Isso...

[01:03] Mônica:  
\_Na universidade?

[01:03] Carolina:  
\_Isso...

[01:04] Mônica:  
\_Acho que eu me formei em 87, 84 por aí... eu fiz, eu comecei minha graduação, em 84.

[01:13] Carolina:  
\_E quais foram as motivações pessoais ou sociais que levaram a escolher a sua profissão?

[01:19] Mônica:  
\_Olha, quando a gente tem uma formação muito humanista, a gente acaba pensando muito numa profissão assim, eu não consigo, é, separar a profissão de professor e educador, e é educador mesmo... então desde o início você tem um certo pacto com essa coisa da educação, você sempre tem um discurso mais cidadão, um discurso mais assim de construção do novo, de transformação da sociedade, então era um pouco, é isso, minha família era também uma família sempre, por mais que de origem operária que meus pais tenham sido, eles tinham uma visão, assim sabe, meio de valorizar para caramba estudo de filho, então eles sempre deram muita força, e sempre foram de esquerda, sempre votaram no PT (Partido dos Trabalhadores)... eu me lembro das primeiras campanhas do Lula, lá em casa era uma oficina, minha mãe costurava bandeira do PT, então era uma coisa meio sem saída, era uma ideia meio de família, assim essa ideia de construção de um mundo melhor, e daí ser professor parecia ser, nunca tive dúvida que eu faria história, entendeu?

[02:21] Carolina:

\_Entendi. E como era a cidade de Juiz de Fora no período da sua infância?

[02:25] Mônica:

\_Ah, certamen... minha infância? Certamente era mais fria (risos), muito mais que hoje, ou eu não tinha dinheiro para [comprar] agasalho, que a sensação que eu tinha era que eu sentia muito frio aqui, subindo para o campus, mas antes de subir para o campus, ah, eu tive uma infância todinha, os meus pais eram espíritas, e minha infância foi todinha dentro de movimento espírita, dentro de... o que se coloca hoje como escola de catecismo, e... eu tive essa vivência muito dentro do centro espírita, eu digo que fui criada no centro espírita, e como o centro espírita que meu pai frequentava ele era, atendia, tinha uma assistência social, atendia muita população pobre, né, o país [Brasil] era muito mais pobre e na verdade o estado estava muito menos presente na vida das pessoas, então fazia sentido essa questão da assistência social, então tinha assistência social, e eu lembro que eu ficava junto com aquela garotada todinha, favelada, muito pobre, e entrava na fila 'pra' pegar leite, 'pra' pegar pão, então eu sempre... os limites assim, sociais, por mais que eu você uma representante da classe média ali, menos pobre, os limites eram muito tênues, por que eu sempre convivi muito com esse lado da assistência, da assistência social, então minha formação foi toda um pouquinho assim, então eu acho que desde aí, eu já, eu já, já tive um olhar mais lapidado assim para a sociedade, meio para fora...

[03:54] Carolina:

\_Sim, e a sua juventude?

[03:56] Mônica:

\_Na juventude ainda continuei, ainda né, e muito ainda com a formação, com a conduta sempre dentro do movimento espírita, fundei um grupo, que é o grupo que hoje tá no Dom Bosco, que parece que até o C.A. de História tá ajudando...o Semente...

[04:10] Eduardo:

\_Projeto Semente.

[04:12] Mônica:

\_É, eu fui fundadora daquele grupo, e na verdade o movimento espírita naquela época tinha uma ala, que era uma ala tipo Teologia da Libertação do catolicismo, que a gente [indecifrável] queria evangelizar na rua, então, a gente evangelizava na rua... Evangelizar no sentido de brincar, de estudar antes teoria de pedagogia, de psicologia, Paulo Freire, fiz alfabetização de adultos, eu fiz todo quanto é coisa de rua possível dentro de comunidade, construção de casa, reuniões com adolescentes, aulas sobre sexualidade, sobre marginalidade, então eu tinha essa vivência todinha no movimento espírita como jovem, e participava politicamente no chamado Movimento Nacional Meninos e Meninas de Rua, que era um, uma, um início de um movimento social, que no Brasil 'tava' começando, nos anos 80 e 90, começando a trabalhar em movimentos sociais, eles estavam começando a se organizar, então foi esse um dos poucos movimentos organizados no Brasil que era de atendimento à criança de rua, então eu já tinha uma experiência religiosa, que já era diferente dentro da minha própria religião na época, que ela era na rua, fora dos padrões formais, e tinha uma vivência dentro do, de movimento social, a ponto de eu fazer congresso pela Unicef, de ter viajado, ter representado Minas e Juiz de Fora em Brasília, em Pernambuco, de trabalhar com meninos cheirando cola, na época era cola, não era 'cack'... então eu tinha essa vivência toda, e enquanto eu tinha essa vivência religiosa, política, eu fazia história, e aí eu tinha pouca relação com meus colegas, por que eu tinha uma vivência fortíssima fora de casa, da universidade, então a vivência entre colegas e na vida universitária, não tinha muito, então eu fui menos ligada aos meus colegas de graduação e com muitos grupos fora.

[06:12] Carolina:

\_E como você enxerga Juiz de Fora hoje?

[06:15] Mônica:

\_Ah, é uma cidade que ela foi piorando com o decorrer do tempo, né, porque o espaço foi se tornando mais o espaço político, né, que é o espaço da construção, do grande construtor, dos coronéis, né, que se sucedem no poder e ficam se revezando né, no poder, hoje "tá" um filho de um coronel que nada faz pela cidade... Então a impressão que dá é que a cidade "enfeiou", verticalizou, e o espaço se tornou um espaço mais exclusivo das elites mesmo, né... O que impactou profundamente na cidade foi a universidade, que foi mudando cada vez mais, seu papel foi crescendo, crescendo e ampliando a importância, é... E as políticas sociais, né, o próprio país mudou muito, né, desde o governo Lula, então isso foi impactando na cidade, transformando o espaço de uma forma melhor, né, com essa inserção nova aí dos grupos pobres, né, avançando aí dentro dos setores médios, então dá para você perceber isso na cidade também, né... Então a cidade melhorou, mas pelo influxo das políticas, é, nacionais, não necessariamente por um movimento interno, uma mudança de valores, ou uma mudança política, pelo contrário, né, foi se perpetuando dentro daquela tradição, né.

[07:32] Carolina:

\_E você participa do sindicato dos professores, vai às reuni...?

[07:36] Mônica:

\_Não gente, não... É incrível, porque quando eu entrei para a universidade, é, todo mundo que lidava com o movimento docente, eram as pessoas que não tinham uma carreira acadêmica, não tinham uma previsão de se doutorar, então era ali, era o espaço de quem tava fora ali, que se tinha apenas graduado ou mestrado, só, e que não pensava, não tinha ambições acadêmicas, não, não se preocupava com currículo, não tinha uma formação acadêmica mais séria, então eu acostumei a ver esse grupo que lidava com política assim, então, se eu nunca fui muito envolvida na vida estudantil no movimento político, nunca participei muito, e como eu tinha essa vivência de política social fora, como eu disse minha vivência dentro da universidade, eu não cresci nas instâncias políticas dela... Então, é aí quando eu me tornei docente, menos ainda, e como aquele era o espaço ocupado por gente que, colegas que não tinham uma carreira muito centrada na vida acadêmica, e eu queria a vida acadêmica, então eu nunca fiz nada, e ultimamente, até hoje eu recebo notícia do que acontece, as vezes pelos meus alunos, sou completamente por fora assim, né.

[08:49] Carolina:

\_E a algum partido político, você é filiada?

[08:52] Mônica:

\_Ah, não, filiada eu não sou, mas eu voto sempre no PT, e vou votar sempre, é o que eu acho que tá mais, que mais faz sentido hoje para o país, sem dúvida alguma.

[09:04] Carolina:

\_Você chegou a participar de greves, é... De passeatas?

[09:08] Mônica:

\_Ah, em algum momento, na universidade, no início assim, nos anos 90, ainda tinha, é, um movimento docente, onde a gente tinha, né, alguns ministros de educação muito difíceis, o Paulo Renato no governo Fernando Henrique, vários outros governos né, antes do governo Lula, fazia sentido sim né, e participava ativamente, por que a universidade ela era completamente abandonada, né, ela nunca recebeu nenhum apoio, né, de todos os anos que eu "tô" na universidade hoje, agora é o que a gente vê o que aconteceu com a universidade hoje é fruto de um influxo das políticas mesmo né do governo federal, depois, do Lula em diante... Então antes fazia muito sentido, tinha uma luta, tinha algo, então eu

apoiava, nunca liderei, mas apoiava, fazia as greves e tudo mais, ia as assembléias e tudo... De uns tempos para cá é que eu achei, é o que eu acho é que as formas de luta tem que mudar um pouquinho, a greve já não funciona completamente não... Não sei se eu fiquei mais a direita, ou se eu sou chapa branca mesmo, e eu não vou lutar com o governo que tá aí, mas eu vejo um outro sentido, a gente tem que buscar outros mecanismos de luta para nossa careira, que não seja só a greve, essa greve que perturba a vida de tanta gente, né, e que a gente hoje tem outro espaço de discussão, não é possível que os espaços são tão fechados como era antes, então eu não vou brigar contra esse governo como eu brigava contra o governo Fernando Henrique, de forma alguma, eu não vou brigar contra esse ministro Mercadante, contra o Paulo Renato, o que que foi o Paulo Renato na vida da gente, então é impensável essa discussão hoje, então eu acho que o movimento tem que buscar outras saídas.

[10:49] Carolina:

\_E fazendo uma relação com o movimento estudantil, como você via o movimento estudantil na época que você estudava e atualmente com seus alunos?

[10:58] Mônica:

\_A gente, o movimento estudantil ele tinha causa, né, hoje nos somos rebel... vocês são rebeldes sem causa, né, tinha uma causa, por que como eu disse a universidade ela não era pensada, não era vista, não era valorizada, priorizada, então a gente tava assim, né, em termos de recursos, a gente tava na rabeira da cadeia alimentar, em todo o serviço público, em termo de carreira de professor, de, de investimentos mesmo, apoio, e, e repensar a vida universitária, um novo projeto de universidade, então o movimento estudantil tinha essas causas, e fazia sentido essas causas e era possível de apoiar, agora hoje, né, como essas principais causas, essas principais questões foram atendidas, o movimen.. a impressão que dá é que ele perdeu um pouquinho a base né, então hoje o que se discute é o ônibus, se discute é o r.u., a impressão que dá é que as questões hoje são muito frágeis, e muito assim, é, pouco politizadas, né, hoje a impressão que dá é de um DCE muito pouco ativo, eu não sei se as causas hoje, as razões não existem mais, as questões não existem mais, ou não sei se os próprios jovens hoje não conseguem eleger outras questões fundamentais. Uma coisa, por exemplo, que eu acho fundamental, que eu não vejo os alunos realizando, é em termos culturais, né, eu não vejo nenhum movimento cultural interessante nessa universidade, que pudesse ser uma bandeira de luta de um grupo, ou de um partido. Na minha época, por exemplo, tinha Som Aberto de DCE todo o fim de semana, toda sexta a noite e a gente tinha uma, uma vivência cultural muito mais legal do que se tem hoje, então hoje nem isso se tem, né. Há pouco tempo atrás né, eu sou meio faladeira demais, muito crítica, estavam chamando um grupo de sertanejo, e eu sou muito, não gosto e tal, falei, puxa vida, chamar uma dupla sertaneja para dentro da universidade para comemorar a abertura do ano acadêmico, isso aí na minha época jamais, tinha que ser uma outra coisa, tinha que ser um outro estilo de música, tinha que ser um outro movimento musical que não fosse esse movimento de massa, das mídias, entendeu? Tinha que ser uma outra coisa, tinha que abrir espaço para bandas locais, tinha que ser um rock bem periférico, tinha que ser um outro espaço, a universidade não pode ser o espaço, do, do, como é que chama essa semana aí da... essa semana... que tem aqui agora gente...

[13:32] Eduardo:

\_São Paulo, não?

[13:33] Mônica:

\_Não, essa semana agora, esse fim de semana em Juiz de Fora...

[13:36] Eduardo:

\_Ah, Festa Country.

[13:37] Mônica:

\_Festa Country, não pode ser uma repetição de uma Festa Country, aqui ser um espaço, que tem que ser um espaço do diferente, da vanguarda.

[13:44] Eduardo:

\_Da desconstrução, desconstruir um pouco né, esses valores que já são dados externamente.

[13:50] Mônica:

\_É, é, exatamente, tem que ser o espaço do novo, da vanguarda principalmente. Me irritava muito. Teve 2, 3 anos, que fui uma dupla sertaneja que fez o som aberto, aí eu lembro que a Cláudia, colega, irmã, "Ah, isso é um absurdo, você é muito, é, elitista", falei assim, hmm, não considero isso elitismo não, uma coisa é um movimento de massa que tá ali, aceito pelas mídias, né, outra coisa é você criar, usar desse espaço aqui para você repetir o óbvio, não pode. Então eu acho que essa coisa, o movimento estudantil, voltando à pergunta, poderia ter, avançar um pouco mais, entendeu. Poderia, essa é uma das causas legais, assim, cultura, arte, colocar isso tudo para fora, sabe, para fora da Artes lá, né, colocar apresentação de música de alunos pública, os painéis de arte neste instituto, entendeu, a universidade podia estar muito mais tocada, seja até com grafite nos muros, entendeu, para chamar, ah, o espaço da cultura e da cultura que tá na ponta, não dá para gente ficar representando sempre o óbvio, por mais que esses "painezinhos" bonitinhos, [indecifrável] arte na rua, arte dos museus na rua, mais é tudo tão bonitinho, tão arrumadinho, que acaba tendo um filtro imenso para chegar lá, e na verdade tem uma série de coisas legais que podiam tá ocupando este espaço.

[15:15] Carolina:

\_E quando você começou a dar aula aqui na UFJF, em que ano?

[15:20] Mônica:

\_Ah, eu teria que ver, em 1994? Eu teria que ver minha carteira, mas é por aí, né?

[15:27] Carolina:

\_E antes disso, você chegou a dar aula em outro lugar?

[15:29] Mônica:

\_Antes, quando eu fiz mestrado na UFF na época, eu comecei a dar aula em cursinho para me manter, mesmo, eu tinha bolsa na época, mas eu dava aula em cursinho, por que eu precisava de grana e num tinha grana, é, e aí eu entrei como substituta, na época eu só precisava de mestrado, aí eu lembro que eu tive que correr com minha diss... tese, foi em setembro, para defender, fiz a inscrição, fiz o concurso em outubro, foi meio assim, uma luta...

[15:57] Carolina:

\_ [indecifrável].

[15:58] Mônica:

\_É, foi muito corrido, e é só, e consegui a vaga... Muito jovem.

[16:04] Carolina:

\_E como eram as formalidades institucionais e acadêmicas quando você entrou como professora aqui na UFJF? Questão de formatura, grade curricular, como era feita a matrícula...

[16:15] Mônica:

\_Ah, eu nunca fui coordenadora de curso, então eu realmente, não, não, sempre fui, ocupei todos os cargos, menos coordenação de curso, então não sei muito disso... É, eu só sei que acho, parece que facilitou muito por que hoje a gente tem o SIGA, né, melhorou muito, antes

era o "SIGA tentando", né, que era meio lento e problemático, hoje acho que ele funciona bem, então eu acho que flui mais... Agora em termos de formatura sim, né, na minha época era muito, né, brega formar, né, baranga né, era uma coisa meio antiquada, formar, o tipo de formatura que se tem hoje, que os alunos fazem né, então no máximo você fazia o juramento na frente do coordenador de curso geral do "DARA" (CDARA), a minha turma foi uma das que começou a fazer uma colação de grau no prédio da Reitoria, que era uma ali atrás, e a gente fez uma colação de grau organizadinha, mas, né, hoje é uma diferença fundamental, né.

[17:11] Carolina:

\_E em questão as disciplinas oferecidas no curso de história, a senhora acha que houve uma melhoria [indecifrável]?

[17:18] Mônica:

\_Ah, houve uma melhoria enorme. Primeiro que o currículo era imenso, né, e depois a gente passou por uma reforma do currículo, aí a gente fez um curso em quatro anos, começando de oito as doze, quatro créditos por dia, a gente deu uma enxugada, né, tivemos que abrir mão de algumas, é, matérias mais específicas, mais eu concordo com essa coisa da grade geral, né, colônia, império e república, e... Antiga, medieval, moderna e contemporânea, e os tópicos, sinceramente eu acho que se a gente tem que renovar a gente tem que renovar com base na experiência em alguma coisa, mais, eu acho que, na verdade né, eu falo com os alunos, isso aqui é um universo de conhecimento que você está mostrando para os alunos, você não vai dar tudo, nunca, e você nunca vai aprofundar, por que senão a gente jamais formaria no nosso curso, né, história, poxa, eu vou saber história do mundo todo, em todas as épocas, então eu elejo o que é fundamental, e estudo ali e dou alguns instrumentos para o aluno, ve.. aprofundar na medida do possível, mas assim, os professores na minha época eram muito mal formados, né, num, num tinham exigência de formação acadêmica, então hoje assim, a gente dá uma graduação de excelência, assim, é... Comparável a qualquer graduação aí na maior universidade do Brasil e da América Latina que é a USP, né, a gente dá, uma univer... um curso de graduação, pode até ser melhor, pelo, pelo quantidade de alunos que temos em relação lá, né, pela quantidade de bolsas que temos, né, a gente tem um contato muito maior com o aluno e com o orientando do que se tem numa turma de 100 alunos sempre, né, como que é numa grande capital.

[19:02] Carolina:

\_Em relação a sua metodologia de trabalho, mudou alguma coisa, de quando você começou a dar aula... [indecifrável]?

[19:10] Mônica:

\_Ah não, mudou um pouco, por que quando a gente amadurece a gente começa a falar mais lentamente, e, e partir do pressuposto que o aluno muitas das vezes não tá entendendo aquilo que você tá falando, então você tem que abaixar um pouquinho, o seu, a sua, é, expectativa, e falar mais lentamente, num é lentamente em termos de ritmo não, mas é você é, passar pelo simples para ir pro complexo, você não pode apresentar o complexo completamente por que não necessariamente os alunos pegam, então a gente tá com um, com um recrutamento muito amplo, né, o vestibular abriu muito, aumentaram muito as vagas, então eu tenho alunos diversos ali, então eu tenho excelentes alunos, alunos médios e alunos que não são tão bons, então hoje eu dou aula muito mais assim, na cadência do aluno, esperando ele perceber mais e na medida que eles vão pedindo eu aprofundo, as vezes eu aprofundo muito, mas eu prefiro dar assim uma coisa assim, é, mais, é fácil de ser absorvida, por que a preocupação é de formação geral, eu num tenho assim ideais assim não, mas eu tô sempre incentivando, quem quiser assim, ele vai longe com a informação, mas é [indecifrável] meio uma informação geral mesmo, tenho pé no chão que é isso.

[20:28] Carolina:

\_E quando você começou a dar aula aqui, tinha recursos áudio visuais, por exemplo... [indecifrável]?

[20:34] Mônica:

\_Tinha nada, tinha pouquíssimo recurso, no máximo era um retroprojeter que você fazia xerox de transparência, né, hoje é, tem recurso, é aquela coisa do recurso, o recurso tá aí você usa, né, tecnologia você vai incorporando na vida naturalmente, então foi uma questão meio natural, você vai incorporando, incorporando, hoje é informação com Datashow, muito mais fácil, né, muito mais visual a aula, mais dinâmica.

[21:02] Carolina:

\_E em relação aos seus métodos de avaliação, teve alterações... [indecifrável]?

[21:07] Mônica:

\_Não, continuo achando que a prova é o máximo, assim, é a única forma que eu vejo que eu consigo ver, a prova, o aluno, é... Por que agora que a gente consegue informação tão fácil, né, de artigos, de qualquer coisa você importa do Google, muda algumas letras e muda a, a indicação bibliográfica, então hoje eu acho, mais do que nunca um texto que é completamente original do aluno é a prova dele, então eu continuo sempre trabalhando com a ideia de duas provas mesmo, por que aí eu vejo se o aluno sabe ou não sabe escrever, se ele tem dificuldades de formação, se ele tem dificuldades de redação, é por ali, por que se eu peço um artigo ele pode copiar muito, ou ele pode fazer resenhas de livros e eu não consigo chegar até o texto do aluno.

[21:52] Carolina:

\_Entendi. E você se lembra se o departamento, é, aqui no caso de História da UFJF, chegou a passar por dificuldades econômicas durante... [indecifrável]?

[22:02] Mônica:

\_Ah, a gente teve uma época, que eu falo, até, gente, é um marco, o governo Lula é um marco, sem dúvida, por que até ali a gente não tinha verba para nada, não tinha recurso para nada, né, e hoje, talvez em níveis salariais nossa, nossa carreira possa não ser a das melhores do serviço público, mas a gente tem uma série de influxos dentro da carreira da gente, de apoios, que quando você se dispõe a receber esse apoio, corre atrás, se forma para isso, você tem muito recurso, eu nunca vi tanta disponibilidade de recurso, professor que não tem recurso é por que ele não tá trabalhando corretamente, por que hoje você tem edital para tudo, basta você ter um bom projeto de pesquisa, se você quiser você vai todo o ano para o exterior, você tem apoio para ter seus bolsistas, para ter seus computadores, os seus laboratórios, o seu mobiliário, as suas traduções, a sua biblioteca, os seus livros, então hoje a gente tem acesso, assim, é, a universidade é uma outra instituição hoje, dá prazer de trabalhar. Agora, ao mesmo tempo que tem isso tudo, tem uma cobrança imensa, né, a gente vive em torno de Lattes né, bem, vive quem quer viver disso né, eu sexta-feira realmente não vivo disso, não penso nisso, mas se você quiser você trabalha, de, sabe, sem parar, por que é uma cobrança imensa né, uma disp... Tem uma concorrência né ali no número de artigos, publicações feitos, livros escritos, né, congressos frequentados, então se você entra nessa lógica produtivista você trabalha muito. Tendo um pouquinho de equilíbrio entre vida pessoal e profissional que tudo mundo eu acho que tem que ter, aí dá para ficar legal também, mas também se [indecifrável] não quiser fazer nada você não faz, entendeu, mas também você não recebe os recursos, então se você realmente você tem interesse em receber esses recursos, esses apoios, a sua vida realmente acadêmica ela é muito interessante, muito dinâmica... Ah, não ganha tão bem professor universitário, tá bom, mas você não sabe o que que tem por trás dessa carreira, se eu quiser trabalhar, ter... Segunda, terça e quarta de manhã, de tarde e de noite, eu trabalho, se eu quiser folgar quinta, sexta, sábado e domingo, eu folgo, por que eu trabalhei segunda, terça e quarta de manhã, de tarde e de noite, e eu escolho o tema que eu quero trabalhar, eu escolho os alunos que eu

quero trabalhar, entendeu, ah, é, eu escolho o país que eu quero conhecer, faço um congresso naquele país, faço a parte de pesquisa e o resto eu passeio, então, entendeu, então eu tenho uma carreira assim, que sinceramente tem uma flexibilidade, um lado tão legal, e essa vivência com o aluno também ela é muito rica para gente, né, essa quantidade de bolsistas e orientandos, torna a vida da gente, assim, muito bacana... Né.

[24:52] Carolina:

\_E como você vê a relação da, da UFJF com a cidade de Juiz de Fora?

[24:57] Mônica:

\_Ah, acho que Juiz de Fora não seria a mesma sem a UFJF, eu acho que aqui não é uma Viçosa, que, né, que a Universidade Federal de Viçosa é Viçosa, aqui não, a cidade tem outros caminhos, outras propostas, né, que é ter um... Ter uma história, uma identidade histórica mais forte que do que lá tem, força política hoje, força econômica hoje, mas ela tem, ela tá mais consolidada a cidade, independente da universidade, mas é historicamente, quem ajudou a construir essa cidade foi a universidade sem dúvida, né, e hoje ela tem uma importância fundamental... Único espaço de lazer, único de espaço de cultura, né, e... E a gente poderia ajudar até mais nas políticas públicas, né, se ajuda menos, né.

[25:49] Carolina:

\_É, a UFJF te possibilitou a realização de sonhos individuais, ou coletivos e profissionais?

[25:56] Mônica:

\_Ah, ajudou muito, gente, uma das coisas mais legais que eu fiz nessa universidade, por exemplo, foram, era o projeto que a gente tinha, fruto do projeto Rondon, que era uma graduação que a gente tinha na Amazônia, né...

[26:07] Eduardo:

\_Tefé.

[26:08] Mônica:

\_Tefé, então, o campus avançado de Tefé, eu já, eu já fui até jurada de festa do boi garantido e... garantido e... Como é que chamava o outro boi? Esqueci o outro boi, [indecifrável] e os vermelhos... Então já tive, eu tive uma vivência, assim, que eu sinceramente, eu num, eu conheci toda a Amazônia por conta da universidade, e ainda trabalhando, ainda fazendo um trabalho social belíssimo lá, né, que era de formação, de, de profissionais naquela área, que iriam ser multiplicadores lá, né, num tinha ensino a distância, o ensino era na prática ali, num tinha universidades lá, então a universidade me deu essa experiência do, demais, e continua me dando, nessa, nessa, nessa vivência com alunos, nessa vivência com os congressos, com os grupos de pesquisa, então é muita realização pessoal, assim, por isso que eu falo, acho que é uma das melhores profissões que tem, assim, por que ela te dá uma dinâmica, que um cara que trabalha na receita, o INSS, realmente ganha muito mais que eu na carreira do serviço público, mas ele tem um trabalho "chatérrimo", ele é muito menos feliz do que qualquer um aqui dentro pode ser, né.

[27:23] Carolina:

\_E qual a sua avaliação sobre o REUNI e PROUNI?

[27:27] Mônica: Olha, o REUNI eu acho, eu sou 'super' a favor do REUNI, eu acho que o REUNI é, é o plano de reestruturação das universidades, e foi mesmo, por que trocou recurso por vaga de professor, as vagas estão aí, tenho muito contato com outros docentes que não tiveram esse, essa opção, outras universidades, por exemplo, história na UFMG não fez a opção pelo REUNI, e se ficam, ficam se digladiando até hoje pelo fato de não terem entrado, por que o recurso não chega lá, as bolsas não chegam lá, então a gente tá com quase 100% de alunos de bol... Com bolsa, na pós, por conta do REUNI, e lá, né, eles

ficam lidando no mestrado com 5 bolsas, entendeu, a gente tem 40 bolsas, então é excelente. E o PROUNI é aquela sistema de financiamento?

[28:17] Eduardo:

\_É, pra isso, escolas, é, faculdades particulares né.

[28:19] Mônica:

\_É, pra faculdades particulares eu sou um pouco, eu não conheço muito, sou um pouco reticente, por que isso me parece que o governo acabou trocando esse apoio por perdão a dívidas, tem uma, uma questão aí que eu acho complicada, né, um favoritismo aí dessas elites, né, do sistema privado brasileiro, educacional privado, mas ao mesmo tempo eu acho que qualquer forma também de ascensão, de retirada das classes populares do lugar que elas estão, e de ascensão social via, é, curso superior, acho que é salutar, é saudável, entendeu, desconheço um pouco essa aí parte financeira, política dessa questão, mas qualquer política de apoio que retira, né, que diminui a pobreza e aumenta a ascensão social no país é maravilhoso.

[29:08] Carolina:

\_Em relação aos órgãos de pesquisa, qual é a sua relação?

[29:13] Mônica:

\_Ah, hoje eu já sou bolsista de produtividade do CNPQ, consegui recentemente que é talvez a posição mais legal que a gente tem na carreira, que é um reconhecimento da comunidade científica com seu trabalho, e tenho financiamentos diversos aí com projetos de pesquisa, então as agências para mim assim é um, é uma questão, que eu devo andar muito certo com elas, tem que ser, fazer muito bem feito a minha parte, por que existe uma cobrança, né, mas pelo contrário, não que reclamar, só, é uma parceria, e na nossa área, na área toda né, é um sistema muito perfeito, né, por que nós somos avaliadores dos projetos dos próprios colegas, entendeu, então um projeto meu para receber um financiamento, ele passou em dois pesquisadores, que aprovaram ou reprovaram, para aprovar tem que ser os dois aprovarem, se um aprovar e outro reprovar, passa por um terceiro, então, o, existe uma bancada só da própria área que analisa os próprios projetos, então não são pessoas eleitas que avaliam, nós somos avaliadores de nós mesmos aqui, dentro da nossa instituição, dentro das agências, do CNPQ e da CAPES, então é muito legal o sistema, é um sistema invejável assim, em outro país não tem um sistema tão bom como o nosso, das agências né.

[30:21] Carolina:

\_E para você qual é o papel da ciência na sociedade?

[30:25] Mônica:

\_Papel da ciência, aí, que prof... que questão mais profunda, né, ah, não vou ficar discutindo essa coisa da ciência, ciência histórica não, mas é o papel da transformação, da investigação, né, é o papel que... Muda a sociedade, que revoluciona a sociedade, por que é através, nós que, né, nos ligamos tanto aos agentes do passado, até que ponto que a gente se pergunta que você produz algo que possa, é, ser útil ao presente, né, então não necessariamente uma reflexão do passado ela é completamente útil, a gente não vende um produto, né, que a gente produz, nenhuma empresa compra o nosso produto, é muito difícil comprar, mas nós temos uma reflexão sobre a sociedade, uma reflexão científica, investigativa sobre a sociedade, sem ela a gente não avança, por que é preciso a gente entender o passado, né, as opções, as perguntas, né, os ganhos, as perdas, as crises, para que a gente possa reavaliar os projetos futuros de uma sociedade né, então é uma ciência transformadora.

[31:34] Carolina:

\_E... e o papel do professor, como você observa?

[31:40] Mônica:

\_Ah, então esse papel que eu falei no início, e o papel que a gente não pode abrir mão porque tem um certo idealismo, aí, e eu acho que isso não pode morrer, falo sempre com os alunos formandos, em qualquer formatura que eu tenho que falar alguma coisa pros alunos, a aula da saudade e tal, eu falo, "oh gente não vamos desanimar", "nossa carreira pode ser difícil num primeiro momento", mas existem hoje, né, muitas alternativas de trabalho, de mercado de trabalho, o país tem que, é, formar todo mundo, nos ainda formamos muito pouco, né, em termos de porcentagem de nível superior no país, ainda é baixo, então nos temos muita gente, muito trabalho pela frente, né, e a nossa carreira, aos poucos, né, ela, a nossa carreira universitária é muito valorizada, mas as carreiras do ensino fundamental não, né, mas a gente espera que um dia essa coisa ainda vá, modificar né, vá reverberar na base e vai modificar a base, e a gen... e então, por isso que a gente não tem que perder um pouquinho, por que a gente não pode achar que ideal é financeiro, a questão é financeira, então a questão tem que ser o ideal sócio-político de transformação da sociedade, por que financeira não ajuda muito, né, a gente não vai ganhar tanto pra isso, então a gente tem que desejar mais como professor, numa sociedade melhor, então é um pouco por aí.

[33:02] Carolina:

\_E como você vis... vislumbra a UFJF daqui a 50 anos?

[33:06] Mônica:

\_Ah então, uma universidade completamente transformada, né, é, especialmente, na infraestrutura, nos recursos, no número de doutores, no financiamento, né, uma universidade hoje que tem um outro patamar, né, de relação com a sociedade e de formação.

[33:27] Carolina:

\_Alguma outra questão?

[33:29] Eduardo:

\_Não, eu acho que não, só queria agradecer mesmo a sua entrevista, né, foi ótimo e... é isso aí, né.